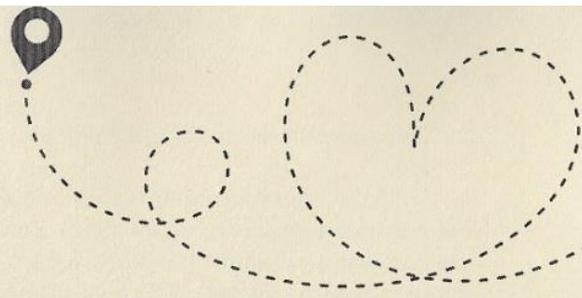
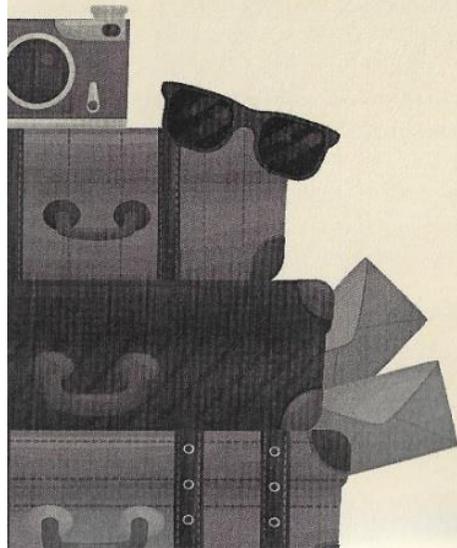


## JOSÉ M. DA SILVA

José M. da Silva, 64 anos, é professor universitário e tradutor freelancer. Mestre em Linguística, dá aulas de Língua Inglesa, Linguística e Tradução. Nasceu e vive no Rio de Janeiro, RJ. Amante das letras, de histórias em quadrinhos e música.



## ACAMPAMENTOS

E lá se vão quase cinquenta anos. Na verdade, a fase durou uns vinte e cinco. Eram outros tempos, éramos outras pessoas. Não sabíamos para onde a vida nos levaria. Hoje poucos de nós ainda mantêm contato, mas as memórias são eternas, acho eu, e talvez valha a pena lembrá-las. As fotos da época ajudam nos detalhes.

Depois que conheci aquele grupo, apaixonei-me pelos acampamentos. A sensação de liberdade, o dia, a noite, o campo, a montanha, a praia, o violão, as canções, as trilhas, o sexo, o apaixonamento, as conversas, as brigas, as descobertas, os perrengues, e aqui está o que classificaria como o mais importante — o aprendizado.

Minha turma — hoje se chamaria “galera”, mas vou deixar “turma” em homenagem àqueles tempos — vinha majoritariamente de uma escola técnica federal. Todos tínhamos sonhos, claro, mas, em retrospecto, hoje não saberia dizer se eram nossos próprios ou de nossos pais, ou mesmo da sociedade que nos cercava e cobrava determinados comportamentos e um futuro específi-



co. Todos queríamos ser engenheiros e ter um bom padrão de vida.

Não me lembro muito bem o porquê do interesse nos acampamentos, mas sei que isso virou uma prática e que tentávamos sempre “passar direto” em todas as matérias para podermos acampar tão logo as férias começassem. No início, evidentemente, ninguém tinha carro; ninguém trabalhava ainda. Primeiro grande aprendizado: é possível viajar e se divertir sem carro, sem muito dinheiro. Talvez as atuais gerações devam dar mais atenção a esse fato.

Conhecemos uma grande parte do país acampando. Tínhamos preferências, dependendo do momento. Eu, particularmente, preferia montanha; outros de nós, praia.

Em algum momento, meu pai me deu de presente um VW 69 bege usado, um dos famosos “fusquinhas”; outros de nós também ganharam um carro de presente. Era uma espécie de prêmio por entrar na faculdade.

Venho de uma família bastante tradicional, mas felizmente, na minha casa experimentávamos o que hoje se denominaria de inclusão e diversidade: convivi, desde criança, com todas as cores de pele, com todas as orientações sexuais e com todas as faixas de renda. Sem preconceitos. Lá em casa, se eu queria algo, tinha que “fazer por onde”. Para comprar alguma coisa, tinha que ajudar minha madrinha a pintar as portas dos armários, a lavar o carro dela — um Plymouth 1939 — uma vez por semana, e por aí vai. Mas eu não podia aprender a cozinhar: minha mãe achava aquilo coisa de mulher. Com muita insistência, aprendi o básico, até porque ficava observando com muita atenção o que ela fazia na cozinha, conversava com as colegas e namoradas que sabiam cozinhar, e fui aprendendo um pouco. Em um acampamento, ou você cozinha, ou compra a comida pronta em algum restaurante; como não tínhamos dinheiro, precisávamos cozinhar. De modo geral, ou você aprende a se virar sem a ajuda da família ou é melhor ficar em um hotel. Entenderam a parte do aprendizado?

Aprendi a cozinhar no sufoco. Mas aprendi.

**HISTORINHA Nº 1** — Estávamos acampando em Condição de Jacareí, no Rio de Janeiro, e fiquei responsável pela comida. Com nosso fogareiro e bujão de gás de acampamento, além das poucas panelas necessárias, seria fácil. Macarrão seria o prato. Muito fácil, devido ao que aprendera. Segui todos os passos: coloquei a água para ferver, coloquei um pouquinho de óleo na água, “para deixar o macarrão mais soltinho”, deixei ferver, coloquei o sal e coloquei o macarrão. Apenas um detalhe: coloquei açúcar no lugar do sal.

Acho que não preciso explicar a reação do pessoal. A comida de umas três refeições foi para o lixo. E era o único pacote de macarrão. Bem, tentei dar um jeito. Lavei o macarrão no mar; água salgada seria a solução, no meu magnífico raciocínio. Não funcionou. Tentei recozinhar o macarrão. Não funcionou. Tivemos que comer numa pensão. Eu paguei, como punição. Já disse que não trabalhávamos e não tínhamos dinheiro. Pois é, aquela punição me custou muitas guloseimas durante a viagem.

Mas, dali por diante, meu macarrão ficou uma delícia.

**HISTORINHA Nº 2** — Acampávamos muito na praia. Certa vez, montamos a barraca em Búzios, num local ligeiramente distante de onde poderíamos pegar água para beber e para nos lavar. Nunca gostei da areia da praia no corpo, especialmente quando vou dormir. Enchíamos duas garrafas para beber e duas para nos lavarmos durante a noite. Ocorre que, naquela noite, já tínhamos “tomado banho”, e eu e um amigo ficamos conversando na praia. Quando chegamos à barraca, todos estavam dormindo, e nós dois, ligeiramente alterados pelo álcool, entramos. Ele, por ser mais tolerante do que eu quanto à areia, entrou na barraca, deitou no saco de dormir e apagou; eu precisava lavar os

pés. É claro que usei a água destinada a beber. Não preciso explicar a bronca quando descobriram.

Disse acima que, quando se acampa, é preciso aprender a “se virar”; sem isso, não se aproveita a viagem, além do que a alternativa é gastar muito dinheiro. Cozinhar é apenas um dos inúmeros aspectos de “se virar”. Habilidades como planejamento, organização, criatividade, iniciativa, improvisação, resolução de problemas, tolerância a situações adversas, trabalho em equipe, aceitação das diferenças, em resumo, tudo que hoje é vendido a peso de ouro pelos *coaches* para as empresas, aprendemos gratuitamente — embora, por vezes, com algum desconforto — nos acampamentos.

Não sei se todos conhecem a “fisiologia” de uma barraca de acampamento. Existem diversos modelos, mas, resumidamente, todos contêm os mesmos itens básicos, cujos nomes também variam: quarto (a parte interna), sobreteto (ou toldo, a parte que cobre o quarto, feita de material impermeável), as varetas (hastes de metal que mantêm a barraca em pé) e os espeques (pequenas estacas de metal que servem para prender o quarto e o sobreteto no chão).

Certa vez, quatro de nós decidimos comprar uma barraca. Fizemos a famosa “vaquinha” e compramos uma barraca simples, para quatro pessoas. Criamos regras de utilização, de quem convidar para nos substituir, e posso dizer que foi um dinheiro muito bem empregado. Como nós quatro já tínhamos carro, em geral, a barraca completa — quarto, sobreteto, varetas e espeques — estava sempre no carro ou na casa de um de nós. Na hora de viajar, era só pegar a barraca e sair para a estrada.

**HISTORINHA Nº 3** — Em uma de nossas viagens, para Campos do Jordão, ficou resolvido que iríamos no meu carro (agora um TL 1971 azul usado, que eu comprara com meu próprio dinheiro e com muito orgulho), e, com isso, fiquei responsável por buscar a barraca na casa de um ami-

go, para quem a emprestáramos da última vez. Fui à casa dele, recolhi tudo e coloquei na mala do meu TL. Essa era minha tarefa. Chegamos, já bem tarde, a um *camping* onde passaríamos a noite. Fizemos um lanche em uma vendinha e fomos montar a barraca. Quarto, ok; varetas, ok; sobreteto, ok; espeques... Ué, cadê os espeques? Na pressa, eu não verificara o saco com a barraca, e os espeques ficaram para trás. Se já fosse de dia e se o terreno fosse mais fofo, isso não seria um problema tão grave. Entretanto, já era madrugada, estávamos num fim de mundo deserto e o solo era de terra. Dura. Muito dura. Conseguimos alguns pedaços de madeira com alguém irritado que acordamos em uma casa próxima — éramos só nós no *camping* — e improvisamos uma fixação tosca, ao menos para passar a noite. Como punição, fui incumbido de enfiar os espeques, sozinho, na terra dura, o que destruiu minhas mãos. Sorte que não estava ventando, ou aqueles cotocos não teriam segurado a barraca.

Por gostar muito de mecânica de automóveis, era eu quem cuidava do meu TL. Para quem entende do assunto, esse carro tinha dois carburadores, o que tornava difícil a regulação. Pois o meu vivia tão bem regulado que gelo se formava nos carburadores. Sem falar que o carro tinha um ótimo rendimento e jamais enguiçava na estrada. Era tão bem cuidado que um amigo viajou conosco uma vez para Foz do Iguaçu, adorou o carro e o comprou. O safado o vendeu para outro amigo pelo dobro do preço que me pagou. Grandes “amigos”.

Tem uma canção do Lô Borges e do Toninho Horta, *Manuel o Audaz*. Sempre me identifiquei muito com ela, pois meu TL, e o fusca antes dele, entrava em lugares de difícil acesso e passava por diversas situações complicadas. Estávamos sempre desbravando novos lugares. Ainda era uma época sem grandes problemas generalizados de violência, e, por isso, passamos a frequentar muito pouco os *campings* oficiais; fazíamos o que se chamava “*camping* sel-

vagem”, ou seja, parávamos o(s) carro(s), montávamos a(s) barraca(s) e pronto. Ficávamos mais próximos da natureza. Mas alguns cuidados são necessários.

**HISTORINHA Nº 4** — Nesta época, eu tocava violão e cantava — muito bem, diziam. E como não lembrar das rodas de violão e cantoria, das paqueras e das conversas em volta de uma fogueira nas noites frias da montanha? E foi aí que aprendemos algo para toda a vida: não se coloca uma lata fechada de salsicha para esquentar numa fogueira. Ela vai explodir. E foi o que aconteceu. Com o deslocamento de ar, quem estava mais próximo — eu incluído — caiu de costas no chão, eu com violão e tudo; duas meninas receberam estilhaços de metal no joelho (furou o *jeans* de uma) e no rosto. Nada grave, mas machucou. Fora o susto. Visconde de Mauá inteira ouviu a explosão, e, no dia seguinte, vieram perguntar o que tinha acontecido.

Fato curioso — lamentável, na verdade — é que todos nós — sem exceção — cursávamos engenharia. Como não lembramos de que o aumento da temperatura aumenta o movimento das moléculas, que aumenta a pressão, e que, num recipiente fechado, as paredes do dito recipiente podem ser rompidas? Mais curioso ainda é que todos se formaram e se tornaram engenheiros.

Menos eu. Também me formei, mas decidi cursar Letras e me tornar professor. E agora ensaio alguns passos nos contos e nos poemas. Como se pode ver por esta “obra”, talvez não sejam grande coisa, mas a reputação da engenharia mecânica agradece.